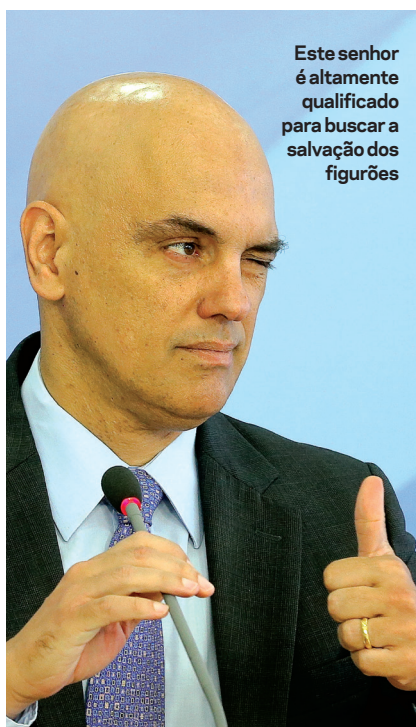


SOLUÇÃO MICHEL

AO ESCOLHER PARA O STF SEU MINISTRO DA JUSTIÇA TUCANO, TEMER DISPARA A ENGRENAGEM PARA SALVAR A PELE DOS ALIADOS E A PRÓPRIA. MAS JANOT AINDA INCOMODA...

por ANDRÉ BARROCAL

Na sexta-feira 3, o chefe do Ministério Público, Rodrigo Janot, foi pela primeira vez ao gabinete do novo juiz da Operação Lava Jato em Brasília, Edson Fachin, e no mesmo dia assinou um pedido de investigação contra três figuras da República, o ex-presidente José Sarney e os senadores Renan Calheiros e Romero Jucá, todos do PMDB de Michel Temer. Com base em conversas gravadas no início de 2016 por um amigo deles, Sérgio Machado, hoje delator, Janot crê que o trio conspirou contra a Lava Jato, numa trama que dependia da ascensão de Temer ao poder, por meio do *impeachment*, e da entrada do PSDB no governo. O “xerife” já investira pesadamente contra os três peemedebistas em maio passado, mas sem sucesso, ao requerer a prisão deles, nega-



da pelo falecido Teori Zavascki. Por que voltou ao tema oito meses depois, ainda que de forma bem mais branda?

Fácil entender. A “solução Michel”, definição de Machado para o plano, está a todo vapor, por obra do presidente, do PMDB e dos tucanos. A insólita opção de Temer pelo rude ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, para uma vaga no Supremo Tribunal Federal é sinal sem rodeios da disposição de Brasília de “estancar a sangria” da Lava Jato. Dizia Jucá a Machado, a solução era “com o Supremo, com tudo”. Embora tenha assinado o pedido de abertura de investigação três dias antes, quando já corriam especulações nos bastidores sobre o escolhido para o STF, Janot divulgou-o assim que o porta-voz do Palácio do Planalto, Alexandre Parola, oficializou a indicação, no início da noite da segunda-feira 6. Prova de que o procurador-geral também faz seus cálculos políticos.

Ungido por Michel Temer, tucano de

ALAN MARQUES/FOLHA PRESS. WALDEMIR BARRETO/AG. SENADO E ANDRESSA ANHOLETE/AF



Meses depois, Janot volta a atacar e pede investigação contra Sarney, Calheiros e Jucá

carteirinha rasgada há pouco, Moraes se juntará no STF, se aprovado pelo Senado, a um tucano sem crachá, Gilmar Mendes, na busca de salvagens jurídicas para figuras. De quebra, sua designação liberou Temer para namorar a ideia de nomear para a Justiça um advogado criminalista crítico da força-tarefa de Curitiba, Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, secretário de Justiça do Estado de São Paulo nos anos 1980. Amigo de Temer, Mariz é contra o uso de delações, sobretudo se arrancadas de gente presa. Para a força-tarefa, prisões e delações são o sustentáculo da operação.

Horas antes da designação de Moraes, o procurador da República Deltan Dallagnol, chefe da força-tarefa, pregava pelo Facebook que havia risco à Lava Jato por trás do escolhido para herdar a toga de Zavascki, fosse quem fosse. Motivo: a possibilidade de o STF voltar atrás na autorização à prisão definitiva de condenados em segunda instância, antes de decisão so-

bre recursos à terceira e à última instância. O aval passou apertado, 6 votos a 5, e Zavascki era a favor. E se houver uma reviravolta, com o brutamontes Moraes a votar, por dívida política, pela soltura dos presos? “Se a perspectiva é de impunidade, o réu não tem interesse na colaboração premiada”, chiou Dallagnol. A propósito, ele é outro truculento. Em um livro de 2015, defende não ser necessário ter provas para condenar, só forte convicção.

O caso Moraes é lance reluzente da “solução Michel”, mas não o único. A nomeação do tucano Antonio Imbassahy para a articulação política do Planalto reforça o concubinato PMDB-PSDB. Na Câmara, discutem-se às escondidas leis para anistiar partido dono de conta reprovada ou

inexistente e criar penas mais brandas contra políticos pegos com caixa 2. Ao surgirem pistas das negociações, a Polícia Federal vazou à mídia, claro contra-ataque, um relatório contra o presidente da Câmara. Segundo a PF, Rodrigo Maia, do

DEM, recebeu 1 milhão de reais na campanha de 2014 da OAS, por ter defendido os interesses da empreiteira. Em outras palavras, propina disfarçada de doação.

No Senado, os peemedebistas da “solução Michel” montaram um verdadeiro *bunker*. O líder da bancada, a maior da Casa, é Renan Calheiros, senador campeão de processos no STF. A comissão encarregada de sabatar indicados para o cargo de Janot, a CCJ, tem à frente o maranhense Edison Lobão, laranja de luxo de Sarney.

O mandato do “xerife” vence em setembro, e ele flerta com a ideia de permanecer. A julgar pelas garras do PMDB do Senado, Janot que se prepare para o inferno. Mas o procurador-geral tem lá suas cartas. Principal: delações da Odebrecht. Na terça-feira 7, seu chefe de gabinete, Eduardo Pelella, recebeu senadores da oposição e comentou que certas delações terão pedido de quebra do sigilo, como quer Temer, mas outras não. Uma forma de deixar os investigados no escuro.

A CCJ também é um filtro das indicações ao STF. Dá para imaginar os compromissos que o PMDB cobrará de Moraes em troca da chancela. Aliás, Moraes tem uma dívida antiga com Calheiros e companhia. Em 2005, foi designado pela Câmara ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), então recém-criado para vigiar o Judiciário. Naufragou no Senado, por falta de votação mínima. Foi salvo graças a uma manobra abençoada por Calheiros, na época presidente da Casa. O alagoano topou colocar o nome de Moraes de novo em pauta, e aí ele foi aprovado.

Na época, Moraes era secretário da Justiça do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Até hoje é ligadíssimo ao tucano, o “santo” na lista de alcunhas da Odebrecht. Ao assumir o cargo em Brasília, era secretário de Segurança Pública. Chegara a ser cotado para concorrer pelo PSDB à prefeitura paulistana na eleição de 2016 e era lembrado para a sucessão estadual em 2018. Filiado ao partido em dezembro de 2015, acaba de pedir desligamento.

No PMDB, há quem aponte Alckmin como o vitorioso com a indicação de Moraes. Se chegar ao STF, o advogado ficará até 2043, aliado garantido do tucano por décadas. E olha que os planos do “santo” de morar em Brasília são imedia-



Nem todo tucano é feliz, Serra por exemplo. O novo secretário de Assuntos Estratégicos tem opiniões sobre política exterior opostas às das do chanceler



tos, embora ele ainda tenha de derrotar Aécio Neves e José Serra para ser o presidenciável em 2018. Segundo um parlamentar peemedebista, ex-ministro, já há conversas com setores do PSDB para formar uma chapa com Alckmin à frente e o PMDB de vice. É por essas e outras que um ministro do STF comentou outro dia, a propósito do Brasil pós-impeachment: “O poder voltou a São Paulo”.

Nem todo tucano paulista parece feliz. Serra, por exemplo. Temer acaba de nomear para a Secretaria de Assuntos Estratégicos, cargo ligado à Presidência, um acadêmico cujas opiniões em política externa fazem dele um anti-Serra, Hussein Kalout, professor de Relações Internacionais. Até o início de fevereiro, era colonista da *Folha*. Escreveu que o Brasil não tem política externa, não tem estratégia para a América do Sul, ponto de partida para qualquer pretensão internacional do País, que estava enfraquecido no continente por comprar brigas ideológicas graças a Serra. Mais, achava que a presença de Serra na chancelaria era ruim para a imagem do Brasil no exterior, devido ao envolvimento na Lava Jato.

Serra anda em situação desconfortável. Um embaixador comentou dia desses que Temer foi genial ao escolher o cargo dado a Serra, por ter deixado o ambicioso tucano amarrado para maquinacões políticas. O desprestígio foi notado na visita do presidente da Argentina, Mauricio Macri, a Brasília, na terça-feira 7. Uma visita digna de registros. Nos discursos, Temer pareceu pequeno perto do convidado. Macri falou em reduzir a pobreza, em uma aliança nas Américas dos Estados Unidos para baixo, México incluído, em impulso histórico no Mercosul. Temer patinou na burocracia.

No almoço no Itamaraty, regado a salada de lagostim, bacalhau com broa crocante, batatas ao murro e frutas de sobremesa, Macri aplicou uma pegadinha em Serra, e o ministro nem percebeu. Ex-presidente do Boca Juniors, disse que no Brasil era Palmeiras, o time do chanceler, que bateu palmas. Em seguida, Macri completou: era Palmeiras, pois o time sempre lhe tinha dado alegrias quando viera ao Brasil como presidente do Boca. Em 2000, na gestão Macri, os argentinos derrotaram a equipe de Serra na final da Libertadores.



Marcante, a mesa do almoço. Temer citado em delações da Odebrecht. Sarney acusado de conspirar contra a Lava Jato. Serra beneficiário de caixa 2 da Odebrecht na Suíça. O presidente do Senado, Eunício Oliveira, ex-tesoureiro do PMDB, suspeito de arrancar 5 milhões de reais em doações eleitorais de modo não republicano. Macri alvo de um processo judicial na Argentina por lavagem de dinheiro e ocultação de bens em decorrência do escândalo Panamá Papers.

O MP argentino afirma que a lavagem de Macri aconteceu em parte no Brasil. Desde o ano passado, a Justiça de lá tenta obter informações aqui, sem sucesso, como revelou *CartaCapital*. Em documento ao juiz do caso no início de fevereiro, o promotor Federico Delgado diz que as manifestações brasileiras “contêm respostas formais, mas não se enviou documentação relevante.

Por exemplo, movimentos bancários”. A porta de entrada e saída do Brasil na relação com a Justiça argentina é um órgão do Ministério da Justiça, o DRCI. Desde dezembro o senador Roberto Requião, do PMDB do Paraná, tenta saber, através de requerimento de informação, o que a pasta tem feito sobre o caso, mas em vão. Pouco antes de ser indicado ao STF, Moraes trocara o chefe do DRCI.

Para chegar ao STF, o ex-tucano precisará de aval desse mesmo Senado e, se quiserem dificultar as coisas para ele por

lá, motivos não faltam. Na recente crise carcerária, embalada a decapitações, Moraes revelou-se inepto, ao brigar com a constatação óbvia de prisões superlotadas e dominadas por facções criminosas. Incrédulos com a atuação de Moraes, os membros do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária demitiram-se. Criticado até pelas Organizações Globo, esteve a ponto de ser mandado embora por Temer.

Senões intelectuais também há, como acusações de plágio. Moraes é autor do livro *Direitos Humanos Fundamentais*. A obra tem trechos inteiros, reproduzidos sem aspas ou citações, de um livro do constitucionalista espanhol Francisco Rubio Llorente, denunciou pelo Facebook o professor de Direitos Humanos Fernando Gonzaga Jayme, da Universidade Federal de Minas Gerais. Moraes publicou ainda *Direito Constitucional*, um campeão de vendas entre concurren- teiros. Um promotor aposentado diz ter

O PRESIDENTE ARGENTINO NÃO DESFIGURA DIANTE DOS NOSSOS FIGURÕES: TAMBÉM LAVOU DINHEIRO



Interrogado por Moro, Cunha portase como sempre

tido algumas de suas aulas em um tradicional curso paulista para interessados em carreiras jurídicas, o Damázio, apropriadas por Moraes. Receia sofrer retaliações de Moraes, com quem rompeu, caso se queixe publicamente.

Há mais senões intelectuais. Em sua tese de doutorado pela Faculdade de Direito da USP em 2000, sobre tribunais constitucionais, Moraes defendeu a proibição de o presidente indicar ao STF uma pessoa que tivesse sido sua subordinada no governo, pois uma certa gratidão seria inevitável. Como bom tucano, no entanto, Moraes reza pela cartilha de Fernando Henrique Cardoso, a do “esqueçam o que eu escrevi”, do contrário recusaria a designação, sonhada por ele desde o desembarque em Brasília.

Gratidão é o que esperam Temer, peemedebistas e tucanos, com o apoio a Moraes para o Supremo, nos processos da Lava Jato. Um sentimento que não é novidade na relação do presidente com seu apadrinhado, graças a uma história esquisita ocorrida às vésperas do *impeachment*.

Em 11 de maio de 2016, um dia antes de Dilma Rousseff ser afastada do cargo, a polícia paulista prendeu o telhadista Silvonei José de Jesus Souza, em uma operação comandada por Moraes,

então secretário de Segurança Pública. Souza clonara o celular da esposa de Temer e desde abril tentava ganhar dinheiro com ameaças de divulgar certas fotos e mensagens. O caso foi noticiado sem alarde na época, bem como a condenação de Souza em outubro, com ênfase na hipótese de fotos íntimas de Marcela virem a público. Seria esse o único risco aos Temer? Na sentença da juíza Eliana Cassales Tosi de Mello, há pistas de que a clonagem talvez revelasse uma atuação mais explícita de Temer para tomar o lugar de Dilma.

Em 16 de abril, um dia antes de a Câmara abrir o processo de cassação da petista, Souza ligara para Marcela e dissera que ela ainda poderia recuperar seus dados antes do *impeachment*, se pagasse. Em troca de mensagens pelo *Whatsapp*, escrevera a Marcela: “Instalei um anti-



Mariz é candidato à substituição de Moraes



vírus e quando reiniciou o meu PC la (*sic*) estava a pasta com suas fotos vídeos e arquivos pessoais”. E prossegue: “Pois bem como achei que esse vide-o (*sic*) joga o nome de vosso marido na lama, quando você disse q ele tem um marqueteiro q faz a parte baixo nível... pensei em ganhar algum com isso!” E mais: “Tenho uma lista de repórteres que oferecem 100 mil cada pelo material que somente comentei por texto.. o que tem no vídeo”. Detalhe: em 11 de abril, viera a público, supostamente por erro de Temer, um áudio com ele a falar como se já fosse presidente.

Moraes foi defensor do grande algoz de Dilma, Eduardo Cunha, antes de o réu por corrupção cair em desgraça em Brasília e ser cassado. O peemedebista era acusado no STF de usar documentos falsos para se defender de uma antiga denúncia de corrupção como dirigente de uma estatal do Rio, em 2000. A fajutice da papelada foi provada por um instituto de criminalística, seu autor sofreu condenação judicial em 2012. Já Cunha acabou absolvido no Supremo em 2014, pois



Nesta conferência na Universidade Columbia, Moro também foi vaiado

o relator do caso entendeu que não havia provas de que o acusado soubesse da pirataria, embora a única função do material fraudulento fosse socorrer o peemedebista. Nome do relator: Gilmar Mendes.

Preso desde outubro, Cunha depôs ao juiz Sergio Moro um dia após Moraes ser designado ao STF. É processado por corrupção, lavagem e evasão. Por três horas, foi o de sempre. Soberbo, impaciente quando contraditado, saiu faísca dele com Moro. Alegou inocência, ter aneurisma, como a falecida dona Marisa Letícia, e nunca mentir, motivo da cassação. De quebra, embaraçou um velho parceiro. Temer, disse, “participou sim” de uma reunião que o próprio nega ter ocorrido, em 2007, na qual foram discutidas nomeações de indicados do PMDB à diretoria da Petrobras. Já condenado por Moro, um dos indicados, Jorge Zelada, é peça valiosa contra Cunha. Arrolado testemunha do réu, Temer negou a reunião, em ofício ao juiz em dezembro. Resposta

“equivocada”, segundo Cunha, autor do artigo “O juiz popular”, na *Folha* da quinta-feira 9, com críticas ao magistrado.

A passagem do “juiz popular” por Nova York na segunda-feira 6 mostrou que o ibope dele pode ser alto, longe, porém, da unanimidade. Moro deu uma palestra na Universidade Columbia, em um seminário de dois dias sobre a Lava Jato. O auditório de 600 lugares, o maior da universidade, lotou, com os ingressos esgotados em 36 horas. Ao começar a falar, o juiz foi interrompido por vaias de um grupo de uns 30 brasileiros do movimen-

to Defend Democracy in Brazil. Ao final, teve de responder perguntas indigestas sobre partidização da Lava Jato, desestabilização institucional e se tinha ligações com a CIA. “Ele ficou constrangido”, diz o sociólogo brasileiro Felipe Ramos, moderador da palestra de Moro.

Constrangimento é uma palavra que parece fora do dicionário de Temer e dos governistas, a julgar pelos últimos acontecimentos. E até para certos “paneleiros”, que foram às ruas pela deposição de Dilma Rousseff embalados no furor anticorrupção e agora confraternizam com Temer no Planalto, caso da líder “paneleira” Carla Zambelli, do Movimento NasRuas, recebida pelo presidente no início do mês. Zambelli tinha sido levada à sala por Moreira Franco, cuja recente designação de ministro o protegeria de Sergio Moro e abriu uma batalha jurídica sem desfecho até a conclusão desta edição, na quinta-feira 9.

Com a classe política cada vez mais sem vergonha de manobrar para se salvar, a Lava Jato parece tomar distância do governo Temer. •

**EM NOVA YORK,
O JUIZ CURITIBANO
TEVE DE
RESPONDER SOBRE
A PARTIDARIZAÇÃO
DA LAVA JATO. FICOU
CONSTRANGIDO**

